

Entrevista com *Margarida Salomão*

Por:

Jan Edson Rodrigues Leite

Karina Falcone

Nesta entrevista, Margarida Salomão nos guia no amplo e fecundo terreno da Linguística Cognitiva (LC), e nos instiga a reflexões sobre temas centrais na agenda contemporânea dos estudos linguísticos: linguagemmente-corpo-mundo. Nesse terreno, trilhamos um caminho irreversível para a compreensão da cognição humana. Com a propriedade de uma das pesquisadoras pioneiras da LC no Brasil, Margarida Salomão discute com clareza aspectos históricos, epistemológicos e conceituais sobre esse arrojado projeto. Nas palavras da entrevistada: “o impacto dos estudos da cognição na Linguística já promoveu uma irreversível mudança de paradigma na forma como entendemos a linguagem”. Doutora em Linguística pela Universidade da Califórnia, Berkeley, onde desenvolveu a sua tese sob a supervisão de um comitê composto por Charles Fillmore (principal orientador), George Lakoff e Paul Kay, Margarida Salomão é professora dos Programas de Graduação em Letras e de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Desta Universidade, Margarida Salomão também foi duas vezes Reitora, eleita nos anos de 1998 e 2002, com expressivas votações. Atualmente desenvolve uma pesquisa em cooperação com o ICSI/University of California, Berkeley, no propósito de desenvolver a versão da *Frame Net* para o Português. A entrevista, realizada por Jan Edson Rodrigues-Leite (Universidade Federal da Paraíba) e Karina Falcone (Universidade Federal de Pernambuco), é, também, uma instigante aula de Linguística Cognitiva.

Investigações - *O estabelecimento do programa de uma Ciência Cognitiva está sendo tratado como a ‘guinada cognitivista’ nos estudos linguísticos do século XXI, parafraseando o termo já atribuído às reflexões trazidas com a Pragmática. Em sua opinião, os estudos cognitivistas têm tido – ou terão – a força para a mudança de paradigma de como concebemos a língua, em seu próprio processo constitutivo, assim como a ação lingüística no processo de constituição social?*

Margarida Salomão - Eu penso que a “virada cognitivista” nas ciências da linguagem (e nas ciências da mente, do comportamento, da sociedade, da cultura) em muito precede o século XXI. Ela data, de fato, dos meados do século XX, mais especificamente dos fins da década de cinquenta no século passado quando a invenção do computador pôs em xeque o que se entendia então por “conhecimento”.

Um texto, já clássico que trata este assunto com muita autoridade (no contexto da interação, epistemologicamente indispensável, entre mente, experiência social e biologia) é o livro de Francisco Varela, Evans Thompson e Eleanor Rosch, *The embodied mind*, publicado em 1991 pela MIT Press.

Episódio importante a assinalar neste período é a “guinada racionalista” que se segue, caracterizada pela explicação do comportamento em termos dos estados internos do organismo / do sistema e pelo tratamento da cognição como *processamento de informação e solução de problemas* (com o consequente negligenciamento da emoção, da subjetividade, da consciência, das relações de sociabilidade e das manifestações culturais).

Prevalece, nesta ocasião (chamada, na literatura, de “primeira geração do cognitivismo”) a *metáfora do computador*: a cognição é imaginada como transcrição do input sensorial (percepção não-simbólica) em termos de representações simbólicas agregadas à memória do sistema e computáveis por outras operações, também simbólicas.

Filosoficamente, a posição que acompanha esta hipótese é o *funcionalismo* (não confundir com o funcionalismo em Linguística...) esposado por pensadores como Fodor, Putnam, Searle, que sustentam que a sede física da vida mental é irrelevante para a determinação da atividade cognitiva. Uma posição expressamente não fisicalista e, de todo modo, irremediavelmente dualista (no sentido cartesiano).

Todos estes elementos integram a “revolução chomskyana” nos estudos da linguagem, presente em alguns textos fundadores: a tese de doutorado de Chomsky, de 1955 (somente publicada em 1975); o *Syntactic Structures* de 1957, muito mais acessível à leitura; a diatribe anti-skinneriana de 1959, que demonstra cabalmente a insuficiência do associacionismo para fechar o “espaço de busca” que explicasse a rápida aquisição da língua materna (o “problema de Platão”); e, finalmente, o *Aspects*, de 1965, que, junto ao *Cours*, de 1916, traça a agenda da linguística do século XX.

Há dois momentos importantes em que Chomsky alinha a linguística às ciências cognitivas então emergentes: o primeiro, em 1955 (depois, em 1957), quando transcreve os postulados-chave da linguística estruturalista americana em álgebra de Post, formalizando-os e promovendo ao prosclínio da investigação a *questão da geratividade da linguagem* (o “problema de Descartes”, como designa o próprio Chomsky em 1976); o segundo, em 1965, quando, na esteira da crítica a Skinner, de 1959, formula a investigação em linguística como um empreendimento *mentalista*, que tem como objeto a competência, ou seja, o conhecimento implícito e inconsciente que um falante nativo tem de sua língua materna.

As décadas de setenta e de oitenta assinalarão forte debate e contestação não só desta primeira etapa da elaboração chomskyana (cuja influência já se manifesta por mais de cinquenta anos...), mas também de toda a “primeira geração do

cognitivismo”, com o advento, em ciência da computação e em psicologia, dos primeiros *estudos connexionistas*, cuja influência, na linguística, é também flagrante (*Remember* Paul Hopper em 1980 proclamando que “a gramática é um sistema continuamente emergente...”).

O próprio nascimento da Linguística Cognitiva (LC) nos últimos anos da década de setenta, e sua maturação em uma agenda analítica pelos fins dos anos oitenta, acompanha esse movimento de crítica mais geral, que percorre todo o campo das ciências cognitivas.

Por tudo isso, respondendo à indagação proposta, suponho que *o impacto dos estudos da cognição na Linguística já promoveu uma irreversível mudança de paradigma na forma como entendemos a linguagem*, independentemente de quais sejam as pressuposições teóricas ou os vieses metodológicos que adotemos para investigá-la.

Haverá os que, na esteira de uma agenda formalista, queiram estudar a gramática, desfocando sua dimensão neurobiológica e sua dimensão evolucionária; haverá os que priorizarão a dimensão da intersubjetividade do uso linguístico; outros, a questão do processamento; haverá ainda, quem reclamará o tema da corporificação da linguagem. Ninguém, entretanto, desconhecerá que é de uma capacidade humana que se trata. Uma capacidade, que, no meu entendimento, é aprendida pelo sujeito na interação humana com o ambiente físico e com o ambiente sociocultural no qual se insere, aproveitando sua contingência com as outras capacidades humanas (sensorio-motoras e cognitivas) e modelando-a conforme as necessidades comunicativas nas comunidades em que o sujeito discursa e vive.

Investigações – *Autores da perspectiva sociocognitiva têm sugerido que a Linguística moderna – pós-gerativista – teve seu objeto de estudo deslocado*

da estrutura linguística para o sentido dos usos da linguagem. Em sua opinião essa reconfiguração dá fôlego à Linguística para atingir o prestígio científico outrora conquistado pelo Gerativismo, ou a torna apenas uma alternativa entre as muitas teorias pragmáticas, funcionalistas e do discurso?

M.S. - Há alguns anos atrás, em 2004, Marcuschi e eu publicamos um texto, prefaciando a coletânea *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*, editada por Fernanda Mussalim e Anna Chrsitina Bentes, em que tratávamos da mudança de foco na linguística contemporânea: os trabalhos prioritariamente centrados no significante viriam a ser equilibrados pelo *estudo da construção da significação na linguagem*. Penso que esta virada também é irreversível, em que pesem resistências esporádicas.

Trabalhos sobre a significação, não apenas os procedentes da inquirição filosófica clássica (de Frege, Russell, Wittgenstein, Strawson, Austin, Quine, Searle, Davidson, Merleau-Ponty), mas trabalhos empíricos, nos campos da antropologia, da sociologia das interações, da psicologia cognitiva, das ciências da computação e, mais recentemente, das neurociências, forçaram a Linguística a levar a Semântica a sério.

Dois pontos merecem ser relevados sobre este tópico: o primeiro é que por força da juvenilidade deste esforço, encarado de uma forma sistemática, disciplinar, apenas nos curso das últimas três décadas, não dispomos de uma metalinguagem de referência com a generalidade que os estudos do significante já lograram _ metalinguagem que, de todo modo, constitui meio caminho andado em termos da maturação de qualquer empreendimento científico (mesmo para que ela venha a ser revista, virada de cabeça para baixo, substituída no curso das investigações...).

O segundo ponto, que me parece formulado com invejável clareza num belo livro de Jackendoff de 2002 (*Foundations of*

language), é que a *significação na linguagem tem especificidades que impedem a dissolução da Semântica linguística em uma “ciência geral da significação”*, independentemente do quanto o sentido na linguagem seja tributário de esquemas sociais e conceituais, que estruturam outras dimensões da vida além da linguagem. Os pioneiros trabalhos de Fillmore e Talmy (sobre frames e sobre esquemas imagéticos) e os de Levinson e Hanks (sobre a conceptualização linguística do espaço físico) fundamentam este ponto à exaustão.

Nestes termos, embora ainda seja precoce profetizar, entendo que a Linguística tem como contribuir, numa condição de muito prestígio, no processo de produção da jovem ciência cognitiva.

Investigações – *A linguística cognitiva — especialmente por ser cognoscitiva — é uma teoria centrada em processos de significação e construção / compreensão de conhecimento. Isto não a afasta por demasiado da Linguística tradicionalmente estudada, cujo objeto científico é um sistema cognitivo particularizado?*

M.S. – Penso que a assertiva contida na questão é demasiado forte.

O florescimento, com grande abrangência, da *vertente construcionista dos estudos da gramática* é a contrapartida oferecida pela LC aos tratamentos formalistas da sintaxe e do léxico. As diversas versões de *gramáticas das construções*, hoje em desenvolvimento, (Goldberg 1995; 2006; Fillmore, Kay, Michaelis e Sag 2007; Sag e Boas 2010; Cullicover e Jackendoff 2005; Croft 2001; Feldman 2006) assumem, todas elas, idéias fundantes da LC, embora variem nas soluções que oferecem, no modo como lidam com a categoria epistemológica de **motivação**, no tipo de formalização que praticam.

Além disso, mesmo que a LC não investisse em teoria da gramática e limitasse sua contribuição aos estudos da significação

– o que não é verdade – seu impacto seria considerável para os estudos linguísticos pelos avanços que provocou no campo da semântica lexical, dos estudos da referenciação, pelas soluções elegantes que oferece a problemas clássicos referentes à projeção de pressuposições e implicaturas no discurso, e, finalmente, pela incorporação à Linguística do estudo dos processos figurativos da metáfora, da metonímia e da mesclagem conceptual. Não fora por mais nada, a LC já poderia reclamar uma folha bastante expressiva de serviços prestados.

Investigações - *Nos últimos anos, a comunidade científica tem se voltado para o estudo do cérebro e das atividades neurobiológicas e neurocognitivas. Como a linguística cognitiva tem contribuído para as pesquisas nesta área e qual o impacto da abordagem neurocognitiva nas ciências da linguagem? Um termo-chave utilizado na literatura em Linguística Cognitiva é **embodiment** (corporificação). Qual a extensão da aplicabilidade desta noção (biologizante) aos processos de produção e compreensão linguística? Pode-se, a partir desta hipótese, refutar a tese saussuriana da arbitrariedade radical da língua? Em sua opinião, ao definir a ‘corporificação da mente’, Lakoff teria situado de forma contundente a compreensão constitutiva mente-corpo e superado a dicotomia secular da constituição humana (mente x corpo)?*

M.S - O conceito de *embodiment* /corporificação desfruta de estatuto crítico nos estudos cognitivistas da linguagem.

Muitas descobertas, acumuladas desde a década de setenta do século passado, contribuíram, para isso: a relação estruturante entre a neurofisiologia do aparato visual, a cognição das cores e sua lexicalização nas línguas do mundo (Kay e McDaniels 1978; Kay e Regier 2003); a função dos esquemas sensório-motores como domínios-fonte das metáforas conceptuais, especialmente das metáforas primárias (Lakoff e Johnson 1980;1999; Grady 1997); o papel dos esquemas imagéticos e cinestésicos na estruturação tanto do léxico com da gramática (Talmy 2000);

a evocação imaginada de esquemas físicos na interpretação de chistes ou de expressões idiomáticas (Gibbs 1994). Estes elementos, entre tantos outros, favorecem uma hipótese não-modularista sobre a relação entre cognição linguística e outras modalidades da experiência cognitiva. Tal hipótese encontra sua versão mais forte na *Teoria Neural da Linguagem* (Feldman, 2006), assumida explicitamente pela *Gramática das Construções Corporificada* (Bergen e Chang 2003; Chang 2006).

A categoria de corporificação da cognição confronta expressamente a tradição dualista, representada pelo pensamento de Descartes, e retomada na filosofia contemporânea pelos filósofos **funcionalistas** (Lewis, Fodor, Putnam, Searle, Dennet), para quem a natureza e a estrutura da mente podem ser descritas sem que se leve em conta a base física da vida mental. Mesmo em filosofia, esta posição recebe fortes críticas seja na vertente do **materialismo eliminativista** dos Churchland (Paul e Patricia), que se autodenominam **neurofilósofos**, seja em um interessante desdobramento americano do fenomenologismo europeu, a corrente filosófica **enativista**, representada pelos trabalhos de Humberto Maturana, Evan Thompson, Alva Nöe, Francisco Varela, Hubert Dreyfuss.

Não se pode dizer, à luz da produção intelectual considerada, que a categoria da **cognição corporificada** acarrete um viés biologizante, se esta designação referir qualquer tipo de abordagem reducionista da cognição. Pelo contrário, a cognição, nesta perspectiva, é concebida como processo emergente das interações entre corpo, cérebro e ambiente sócio-físico.

A mente é abordada como sistema dinâmico materializado no mundo antes que como uma rede neural, “na cabeça”. Nestes termos, a cognição é entendida como reorganização material do sistema mental, provocada por alterações em seu acoplamento com o ambiente. Só que a relação mente-mundo não é de “espelhamento”, mas de interferência recíproca: a experiência

não é, pois, mero epifenômeno da vida mental, mas dimensão fundadora da mente e de sua fenomenologia. Em termos filosóficos, *again*, trata-se de trocar Descartes por Hegel...

Isso posto, fica difícil falar sobre uma refutação da tese saussuriana sobre a arbitrariedade do signo linguístico. Saussure falava de um ponto de vista totalmente diferente: a arbitrariedade referida no texto do *Cours* é exemplificada pela comparação entre os significantes de lexemas que, em diversas línguas, corresponderiam, supostamente a um mesmo significado. Se é disso que se trata, não há contestação possível, até porque não é disso que falamos. Aqui, falamos sobre cognição linguística e sua relação com outras experiências cognitivas e com a materialidade biológica da qual toda experiência emerge. Nestes termos, a cognição linguística é motivadíssima: pela evolução biológica, pela neurobiologia, pela história da língua, pela própria língua como sistema emergente sincronicamente, pela situação discursiva, pelas intenções e restrições de que é portador o sujeito que fala (ou que interpreta)... Um oceano de motivações!

Abraçando este ponto de vista, a LC contribui uma agenda apaixonante aos estudos cognitivos contemporâneos, agenda que de alguma forma vai sendo atendida através da investigação empírica interdisciplinar, uma amostra robusta da qual é publicada trimestralmente no periódico, editado sob a égide da ICLA, *Cognitive Linguistics*.

Investigações - *A produção de literatura em Linguística Cognitiva tem sido bastante profícua no Brasil nos últimos anos. Muito tem sido escrito, sobretudo, sobre a Teoria da Metáfora Conceitual, de Lakoff e Johnson. Em sua opinião, este ainda é um tema de grande relevância para a Linguística Cognitiva? Quais outras discussões poderiam ser citadas como prioritárias para a investigação cognitiva da linguagem?*

M.S - Os estudos deflagrados nas ciências cognitivas e na própria Linguística a partir da obra seminal *Metaphors we live by* são centralmente constitutivos da reflexão em LC. A produção brasileira, além de ser expressiva quantitativamente, tem mostrado um sensível *aggiornamento* com os debates travados no campo, inclusive, suas importantes revisões críticas: por exemplo, a relação entre metáforas conceituais e modelos culturais, ou a compreensão das metáforas numa perspectiva mais discursiva.

Outros temas prioritários na agenda da LC têm encontrado investigadores no Brasil, notadamente no enquadre da Gramática das Construções e da teoria dos Espaços Mentais, gerando teses e dissertações em Juiz de Fora, na UFMG, na UFRJ, na UFF, na UFRN, na UFRS... Mencionem-se ainda os trabalhos que assumem a semântica de frames e que tem motivado pesquisas em semântica lexical na UNESP de Araraquara, na UNISINOS, (em Juiz de Fora, *ça va sans dire*...)

Investigações - *A Linguística Cognitiva possui grande arsenal teórico. Questões pormenorizadas sobre o funcionamento da linguagem (aquisição e processamento das formas linguísticas, estruturação do sistema de normas, etc.) são preteridas diante de questões macro como a categorização, a conceptualização, os domínios cognitivos, os modelos culturais, etc. Isto decorre de alguma insuficiência metodológica da abordagem que trata os dados linguísticos como índices para a interpretação dos sentidos? Como, metodologicamente, os processos mentais subjacentes à linguagem, têm sido acessados pelos investigadores da LC?*

M.S - A falta de condição (política) hegemônica da LC responde pelo fato de que seus desdobramentos analíticos não usufruam mais amplo reconhecimento no cânon disciplinar.

Efetivamente, áreas como *aquisição da linguagem* hoje florescem na LC sob o impacto do trabalho de Michael

Tomasello (1992; 1999; 2003). Tomasello, que é também diretor do Instituto Max Plank e desfruta, merecidamente, de enorme prestígio na academia internacional, tem influência direta nos trabalhos mais recentes da vertente construcionista (Goldberg, 2006; Culicover e Jackendoff 2005).

Na mesma linha, trabalhos em *Linguística Computacional e Processamento da Linguagem Natural*, que assumem tanto a semântica de frames como a Teoria Neural da Linguagem, vem sendo desenvolvidos no ICSI, em Berkeley, inspirando teses de doutorado, livros, produtos tecnológicos de impacto mundial nas áreas da computação e da Inteligência Artificial.

O mesmo se pode dizer do que ocorre no CSLI em Stanford, sede dos desdobramentos da **Sign Based Construction Grammar**, que impulsiona não só a investigação em linguística, mas também no novíssimo campo das engenharias da linguagem.

Deste modo, a LC, em seu processo histórico, tem desbravado áreas de atuação sequer sonhadas pelos jovens românticos e irreverentes (meio *hippies*), que, no início da década de setenta, tiveram a coragem de romper com o Santo Padre Chomsky (de fato, santíssimo, mas não infalível...) e, na dourada Califórnia, iniciaram uma aventura intelectual, que é, hoje, árvore de muitos frutos.